



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paima; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsara; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Só!*... soneto, por Casimiro Dantas;—*D. Miguel, a sua familia e as camaras constitucionaes portuguezas*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*A espada do general*, conto, por Mario;—*O monumento de Mafra*, por Alberto Telles;—*As nossas gravuras*;—*The last rose of summer*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A vingança da morgada*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Antonio Augusto d'Aguiar*;—*Dr. José Fructuoso de Gouveia Osorio*;—*Manuel José Mendes Leite*;—*Frédéric Chalus*;—*Em casa do prior*;—*Modas*;—*Castello de Montemor o-Novo*.

CHRONICA

Não ha nada como um bello sol e uma boa nova ardentemente esperada, para accordar nas nossas almas as doces alegrias diamantinas da mocidade, embora essa mocidade nos tenha abandonado ha muito, com o seu cortejo auriluzente de formosissimas chimeras.

Haverá quem prefira a isto dois golos de vinho de Syracuse, servido em taça de ouro cinzelado, pela mão branca e fina d'uma bacchante.

São gostos.

Eu dou a preferencia ao raio do sol, quando elle nos beija, como hoje, a epiderme, com os labios suavemente tepidos, dando-nos n'essa caricia apaixonada e doce, o goso d'uma boa nova que nos embriaga de felicidade.

Leitora curiosa! Lá estás tu a querer saber que boa nova eu tive, trazida nos labios rosados do sol, o gentil e galhardo mensageiro!...

Pois não t'o digo. Se és capaz, adivinha, ou então morgulha me d'ahi nas profundezas d'um longo somno hypnotico, e arranca da minha alma o segredo de toda

esta alegria que eu sinto crepitar em mim como um fogo vivo e faiscante.

E d'ahi, póde ser que tu o saibas; mas se o sabes não o contes a ninguem. Tenho medo que, contando-o, estes jubilos de creança se desfolhem, como se desfo-



ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR

ham as rosas fortemente açoitadas pelo vendaval. Deixa-me saborear em paz os meus arroubamentos; deixa...

N'esta disposição de espirito em que me encontro, é claro que a Chronica não póde ser senão uma nota triste, lançada por pirraça do destino sobre o meu extasis profundo. Como tal a considero hoje e por tal motivo a detesto mais do que nunca.

Daria tudo quanto me pedissem n'este momento, para não fazer absolutamente nada nas 24 horas mais proximas, que não fosse escrever sobre o azul purissimo da minha fanthasia, as impressões colhidas nas ultimas outras 24 horas que passaram. Mas só sobre aquelle azul suave e limpido, e de modo que só eu ahi podesse lê-las... ninguém mais, em todos os seus caprichosos labores.

Não imagines que isto é uma subtileza adrêde preparada, para fugir airoosamente ás difficuldades da falta d'assumpto.

Assumpto houve-o durante a semana inteira, e á farta, capaz de locupletar todos os chronistas d'estes reinos. Quando não o houvesse fresco, palpitante, novo, inventava-se, compunha-se de pé para a mão nas retortas do escandalo, que é materia inexgotavel, ou recorria-se pela millionesima vez ao estudo dos costumes indigenas, que dão pasto para dezenas d'infolios.

Só em raptos, foi uma continha calada.

E comprehende-se isto. O verão está nos ultimos paroxismos, nos seus derradeiros arancos, entregando a alma nas mãos do Creator, que só d'aqui a um anno hade resuscital-o, engrinaldando-lhe a cova de flores.

Logo que elle solte o ultimo ai, por entre o arruido do cair das folhas, a Natureza desmaia e enlaguesce. Depois, vem o outono amarelento, de guarda avançada ao negro inverno carrancudo e gelido.

Ora se, no verão, é ainda possivel que duas almas que se estremecem possam estar por longo tempo cada uma para seu canto, aquecidas pelo sol estival, no inverno, esse abandono torna-se insupportavel para dois corpos que se procuram avidamente, enregelados pelo frio de dezembro.

Em agosto, a fragil carne arrosta com os sacrificios mais incruentes; mas quando o outubro se avizinha e janeiro bate á porta dos moradores, a virtude d'estes sae pela janella, tiritando, e vae cair, por cima dos moinhos, n'uma cabana tepida e perfumada, construida, pelas mãos do Amor, de sonhos côr de rosa e de chimeras transparentes.

Foi fazendo estas considerações, de todo o ponto aceitaveis, que o reverendo abbade de S. Paio de Seide, raptou, no cizer da *Gazeta de Famíliação* — a besbilhoteira! — uma das suas ovelhas mais guapas e nedias. Arreceiava-se das friezas da invernia, o bom do abbade, e não queria, quando as neves começarem d'aqui a pouco a pratear as cristas das montanhas do Norte, levantar-se para a missa das almas, sem encontrar na alcova abbaical um riso quente de mulher, que lhe acariciasse as faces escanhoadas, e que o avigorasse na rúde faina do santo sacrificio.

Foi remoendo tambem no cerebro considerações identicas, afóra a consideração da missa d'alva, que em Lisboa, nas barbas da policia e de todos nós, o sr. C. A. C., moço e gentil, raptou ha quatro dias a sua bella, menina e moça, a sr.^a D. M. N. S. P., e que uma sobrinha ingrata se escapou á vigilancia d'uma tia rabujenta, fugindo com o objecto dos seus pensamentos.

Como se vê, de extremo a extremo do paiz os raptos abundaram. Só entre Minho e Douro registram-se cinco n'uma semana!

A estes, porém, illumina-os a luz viva do amor; tecm todos a feição alegre que lhes imprime a fresca

mocidade cheia de vi'a, exuberante de seiva. Se exceptuarmos o do abbade minhoto, todos elles encontrarão provavelmente, o seu epilogo na igreja, que é mãe, amantissima e passa-culpas carinhosa.

Outros houve, no entanto, em que foi raptadora a Morte descaroadada e fria, e que tiveram o seu triste epilogo no tumulo, por entre as lagrimas d'um povo inteiro.

A traiçoeira morte, que roubára ainda hontem aos affectos e respeitoes d'esse povo um gigante chamado Fontes Pereira de Mello, acaba de empolgar outro gigante, de melhor, mas de grandiosa estatura, tambem, que se chamava Antonio Augusto de Aguiar.

Vive ahi, no nosso mundo politico, um partido de gloriosas tradições, a que ambos aquelles atletas da tribuna parlamentar davam lustre e renome com o prestigio da sua palavra, dos seus talentos, das suas notabilissimas individualidades. E se o meu conselho podesse ter algum peso, eu aconselharia a esse partido que não luctasse mais com a adversidade que o fulmina a golpes repetidos, e que lhe vae roubando, um a um, despidosamente, os seus generaes mais prestimosos.

Chega a ser um attentado e uma affronta á memoria d'aquelles mortos illustres, tein ar em viver uma vida que elles já não podem dirigir e orientar — astros de primeira grandeza na constellação radiosissima dos vultos proeminentes e insubstituiveis.

Convençamo-nos de que nem toda a gente pode ser Moltka. Os Boulanger, por mais que façam, não chegam á craveira por onde se media Napoleão.

Mas como vinhamos dizendo, foi uma semana de raptos a semana que passou.

Até o sr. Burnay teve o desgosto de ver raptada por um incendio a sua fabrica de tabacos *Lusitana*, elle, que nunca soffrera um revez na sua vida feliz e aventurosa, e que se habituára a ser amimado pela fortuna, quer jogasse doidamente na Bolsa, quer fosse o negociador d'emprestimos lucrativos no *Comptoir d'Escompte*.

Por enquanto, só o sr. Marianno de Carvalho não foi ainda raptado, que nos conste, nem na sua pessoa nem nas suas operações mais ou menos bem combinadas, talvez com grande sentimento do referido sr. Burnay, official do seu officio em negocios de tabaco.

Eu mesmo, — pobre de mim! — acabo de ser raptado por esta mofina chronica a s meus arroubamentos, aos meus extasis, ás minhas doces alegrias de hoje!

As chronicas! Como eu as detesto!

SANTILHANA.

— ○ ○ —
SÓ!...

Eu sinto, meu amor, est'alma n'gra e fria,
Mais fria que o lençol marmoreo do jazigo
Onde hei-de adormecer p'ra sempre a sós contigo
O' minha alvinitente e doce Ave Maria.

E' que eu passo de ha muito um dia e outro dia
Sem ver o teu olhar no espaço onde te sigo.
Não ten to p'ra a minha alma o puro e santo abrigo
D'essa alma toda luz, que d'antes me sorria.

E arrasto a minha vida assim, té que adormeça
No frigido caixão e a eterna paz conquiste,
Ou que o destino cru de nós se compadeça.

Fez-se noite p'ra mim no dia em que partiste,
E n'esta immensa noite, á espera que amanheça,
Nem sei já quando foi, amor, que me sorriste!...

D. Miguel, a sua familia e as camaras constitucionaes portuguezas

II

Demorou-se, como dissemos, dois mezes na commissão o caso da proscricção de D. Miguel. D'isso se queixava o duque de Palmella no discurso que proferiu na camara dos pares, como presidente do conselho de ministros, dizendo que nenhum outro assumpto mais urgente podiam ter discutido as camaras extraordinarias de 1834 — Como dissemos porém, bastantes razões se podiam allegar para essa demora, entre outras a morte de D. Pedro IV, que occorrera no intervallo. Mas o partido miguelista, com essa morte, e com as difficuldades que antevia para a menoridade da rainha, principiava a recobrar-se do primeiro desalento, e tornava-se necessario mostrar-lhe que a joven liberdade se sentia bastante forte para não recuar diante das medidas energicas.

Demais, a 25 de outubro promulgara-se em Hespanha a lei que privava o infante D. Carlos e a sua descendencia do direito da successão á corôa, e os bania para sempre do territorio hespanhol.

A influencia da discussão e da promulgação d'essa lei no visinho reino é incontestavel, porque tendo-se promulgado a 25 de outubro a lei hespanhola, a 23 do mesmo mez fôa apresentada uma proposta de lei feita pelo presidente do conselho de ministros, duque de Palmella, ao parlamento portuguez, e a 27, Joaquim Antonio de Aguiar, como relator da commissão de legislação, apresentava um projecto de lei que refundia n'uma só tanto as propostas dos differentes deputados que as tinham apresentado, como a proposta do governo, que era muito simples.

O projecto tinha as seguintes disposições:

O artigo 1.º declarava o ex-infante D. Miguel e a sua descendencia privada do direito de successão á corôa.

O artigo 2.º bania-os de Portugal, privava-os de todos os direitos civis e politicos, do direito de conservarem ou adquirirem bens de qualquer especie, determinava que os bens patrimoniaes e pessoas de D. Miguel seriam destinados á indemnisação dos prejuizos causados pela usurpação na forma que uma lei futura determinaria.

O artigo 3.º determinava que se D. Miguel ou algum dos seus descendentes entrasse em territorio portuguez, seria preso immediatamente, julgado pela auctoridade superior militar do districto, e por mais quatro vogaes do tribunal por elle nomeados, fazendo-se-lhe processo verbal e summarissimo, de forma que o pretendente fosse fusilado dentro de 24 horas.

O artigo 4.º determinava que fossem presos todos os que tomassem armas a favor de D. Miguel, ainda que se não verificasse a entrada do pretendente n'estes reinos.

O artigo 5.º ordenava que a auctoridade a cujo conhecimento chegasse a entrada de D. Miguel ou de algum dos seus descendentes em territorio portuguez, seria obrigado a prendel-o logo e a entregal-o á auctoridade superior militar.

Qualquer omissão d'essas auctoridades seria castigada com pena que podia variar entre degredo por dez annos e pena de morte.

Como vêem, este projecto de lei era verdadeiramente draconiano, e mostrava o odio intenso e profundo que D. Miguel soubera inspirar aos Portuguezes pelo seu jacobinismo. Não se desculpava porém que, para combater D. Miguel, se recorresse ás mesmas armas que elle costumava empregar. Na camara dos pares, como veremos, algumas modificações teve esta selvagem proposta de lei, que na camara dos deputados nem foi discutida na generalidade. Na especialidade, algumas propostas e emendas e substituições se apresentaram, mas em geral não fizeram as que fôram acceitas senão tornar a lei mais feroz e mais destituida de garantias.

Assim, no art. 2.º eram julgados reus de alta traição D. Miguel e os seus descendentes ou quem os acompanhasse e se lhes unisse. Acrescentou a camara «ou quem lhes desse asylo ou protecção.» Determinava o mesmo artigo que fossem julgados por um conselho formado pela auctoridade superior militar do districto onde houvessem sido presos, e por quatro vogaes por elle nomeados. A camara substituiu esta determinação da seguinte maneira:—O conselho seria formado pelo commandante militar mais graduado do logar em que tivessem sido presos, sendo o mais proximo na falta do primeiro, e os vogaes do tribunal nomeados por esse commandante deviam ser forçosamente militares. Acrescentou-se ainda que seriam fusilados immediatamente e sem dependencia de ordem superior.

Isto era verdadeiramente iniquo e odioso, e mostrava bem a que violencias se pode deixar arrastar uma assembléa, quando n'ella actua—e não é necessario que seja em todos os seus membros,—vivas paixões. As propostas mais exaggeradas são sempre as que predominam, e a voz da moderação ou não é ouvida, ou nem ousa fazer-se ouvir.

A modificação do artigo 3.º, introduzida pela camara, tornava possivel a seguinte hypothese: serem D. Miguel, ou algum dos seus filhos, os seus companheiros, e os que lhe tivessem dado asylo, julgados por um conselho de guerra formado de um sargento e quatro cabos, podendo ser um sargento o commandante militar da aldeia onde D. Miguel fosse surprehendido, não lhe sendo licito sequer escolher, para o ajudarem, alguns vogaes mais illustres, tendo de nomear militares que não poderiam ser senão cabos, não tendo que pedir ordens ás auctoridades superiores, e sendo obrigado a fusilar o principe no prazo do vinte e quatro horas!

No art. 6.º ainda a camara teve o bom senso de explicar algumas das suas disposições, de forma que não ficasse completamente dependente do arbitrio da auctoridade militar metter em processo todas as pessoas que lhe desagradassem; mas, como se se arrependesse logo d'esse lampejo de justiça e de bom senso, acrescentou ao projecto de lei da commissão o seguinte odiosissimo artigo:

Art. 7.º—A pessoa que prender o ex-infante D. Miguel e o entregar á auctoridade respectiva, terá o premio de 10:000\$000 réis por uma vez sómente, pagos pelo thesouro publico.

Feita esta bonita obra, José Liberato propoz que, para maior solemnidade, se lavrasse auto da approvação da lei e que o auto fosse assignado por todos os membros da camara.

Se nos não enganamos, um só dos signatarios d'esse famoso auto vive ainda: é o nobre visconde de Seabra, que muitas vezes se terá sorrido da impetuosidade que o levou a votar sem-lhante projecto de lei, que a camara dos pares felizmente modificou. Os nomes dos principaes votantes fôram Agostinho José Freire, que foi depois uma tristissima prova de quanto é funesto dar ao povo lições de politica implacavel, Jervis de Athougua, que foi depois visconde de Athougua e que nada tinha de feroz, Fonseca Moniz, um padre Antonio José de Avila, o futuro duque de Avila e Bolama—e faz-nos sorrir este nome por baixo d'esse decreto draconiano—Joaquim Antonio de Aguiar, que não quiz ser só mata foades, o excellenté José da Costa Pinto Basto, José Ferreira Pestana que, ao assignar a lei, se lembrou decerto do passeio que déra á roda da forca no Porto, José da Silva Carvalho, Mousinho da Silveira, Julio Gomes da Silva Sanchez, Leonel Tavares, Luiz Cypriano, o pai de José Estevão, Rodrigo da Fonseca Magalhães, o homem da conciliação e das branduras, etc., etc.

A 4 de novembro apresentou-se a ultima redacção do projecto, a 5 de novembro foi remettido para a camara dos pares, que nomeou para este assumpto uma commissão especial composta de Fernando Barradas, que fôra ministro de D. João VI, Thomaz de Mello Bryner, conde da Taipa, Trigo de Aragão Morato, e o general Henrique da Silva da Fonseca, que morreu visconde de Alcobaça.

Esta commissão escolheu immediatamente para relator, o conde da Taipa, que a 7 de novembro apresentou o seu parecer serio e simples, parecer que se limitou a dizer que merecia ser adoptado o projecto com as emendas que indicava.

Foi na sessão de 11 que se apresentou relatorio desenvolvido, dando a razão das alterações.

As primeiras alterações ainda tornavam mais apertado o projecto, mas felizmente as ultimas resgatavam essa transigencia com as paixões do odio e de vingança.

A primeira, supprimindo as palavras finais do artigo 2.º, deixava de tornar dependente da lei futura a applicação dos bens de D. Miguel a indemnisação dos prejuizos da usurpação.

A segunda declarou D. Miguel e os seus descendentes reus de alta traição não só quando entrassem no territorio portuguez, mas quando se approximassem d'elle.

Era uma ferocidade puramente platonica. Como no jogo do chicote queimado, podiam dizer a D. Miguel, quando passasse ao longo da nossa fronteira «quente, quente!» Legislar para fóra do territorio portuguez era uma pretensão um pouco estranha da camara dos pares.

Vai longo este artigo e no seguinte daremos conta das modificações beneficicas introduzidas na lei pelos dignos pares, que, se não começaram bem, não acabaram mal.

PINHEIRO CHAGAS.

A ESPADA DO GENERAL

(Imitação do hespanhol)

--Um felizão o Carlitos!

Assim diziam da gentil creança os seus dois amigos predilectos, dois rapazinhos que habitavam outro andar do mesmo prédio.

—Aos cinco annos, já é general, e commanda corpos de exercito, e tem farda rica, e espada de copos doirados e tudo l... Effectivamente, assim era. Tudo aquillo tinha o Carlitos. Seu

avô, um general a valer, não pensava senão em distrahir e entreter o neto, prodigalizando-lhe todos os brinquedos, satisfazendo-lhe todos os caprichos.

—Agora, faço-te isto, dizia-lhe o velho militar; mais tarde dar-te-hei uma posição invejavel e até hei de escolher-te noiva, tu verás.

O bom do general Malaquias consagrava ao neto uma afeição louca. Não tinha mais ninguém no mundo. Resumia-se n'elle toda a sua familia. Seu filho, o pae do Carlitos, morrera gloriosamente no Ultramar, em guerra com o gentio. A mãe do pequeno tinha morrido também, fulminada pela desoladora noticia da sua viuvez.

Não restavam pois á creança outros affectos, além dos de seu avô, que concentrava no pobre orphão todo o amor que ao filho votara.

O general Malaquias estava reformado.

—Devo-me á minha patria e ao meu netinho—dizia elle;—e como para o serviço da patria me julgaram inutil, tenho tempo de sobra para me consagrar d'alma e vida ao meu querido Carlos.

O pequeno, conhecendo o predominio que exercia sobre o avô, não raro abusava das suas prerogativas, e obtinha sempre d'elle tudo quanto queria.

A casa onde viviam era um perfeito bazar de brinquedos infantis, mas todos elles militares, pois que as tendencias do Carlitos para as coisas guerreiras eram pronunciadissimas.

Não lhe faltava nada: soldados de chumbo, de pau e de papel, tinha-os aos milhares; a artilheria, representava-se por um contingente formidavel, com bocas de fogo dos systemas mais modernos; de cavallaria e infantaria, tinha divisões completas; o seu uniforme de general em chefe e caudilho de todas aquellas legiões, era deslumbrante, e o seu armamento, mandado fazer de proposito, magnifico.

O avô desempenhava junto d'elle as graves funcções de chefe d'estado maior, e desempenhava-as com alta sciencia estrategica, sempre identificado com os planos do pequenino general.

Assim que um dos creados da casa, transformado em ajudante d'ordens, ia prevenil-o de que o Carlitos desejava dar uma batalha, o bom do velho corria logo pressuroso, não de uniforme militar, mas com o seu uniforme de campanha caseira—chambre, barrete e chinellas.

—Temos novidade? Perguntava elle ao neto, entrando na sala, que era ao mesmo tempo quartel general e campo d'operações.

O Carlitos esperava já o seu chefe d'estado maior, de espada á cinta e capacete emplumado, prompto para o combate.

Ordinariamente, começava-se por uma grande parada, ferindo-se depois uma batalha sangrenta e ruidosa.

Emquanto os regimentos saiam das respectivas caixas, as charangas vocaes do avô e do neto executavam peças de musica apropriadas á situação.

A's vezes, o proprio general em chefe tocava tambor, emquanto o avô formava e distribuia da melhor maneira possivel os diferentes corpos de exercito.

Mas em attenção aos ouvidos do chefe d'estado maior, o tambor calava-se logo depois dos primeiros rufos.

A' parada succedia-se a batalha.

Era já sabido: as acções de guerra eram inevitaveis emquanto as tropas saham dos seus quartéis ou das suas caixas.

Um dos exercitos estava ás ordens do avô, que, para estes casos, era elevado á dignidade de imperador ou de caudilho inimigo.

Carlitos commandava o exercito contrario.

Escusado é dizer que, logo aos primeiros tiros, cahiam soldados mortos ou feridos nos dois campos.

Mas quando começava a funcionar a artilheria, de extremo a extremo da meza, e as balas choviam no ar, o numero dos soldados postos fóra de combate era importantissimo.

A maior parte d'elles não tornava a servir n'outra batalha.

Geralmente triumphava o exercito de Carlos I,—como o avô então lhe chamava—porque o general inimigo descuidava-se de proposito, para lisongear a vaidade do vencedor e para ao menos salvar da destruição um dos exercitos belligerantes.

A's vezes, o pequeno percebia isto e dizia ao avôzinho:

—Tu não sabes fazer fogo! Vê como eu faço.

E estas palavras eram seguidas d'um fogo viviíssimo, que fazia saltar da mesa para o chão duas ou tres duzias de soldados.

Carlitos era quem propunha a paz e quem commandava as forças que haviam de fuzilar uma parte do exercito vencido.

O avô interpunha a sua influencia para salvar os infelizes sentenciados, e conseguia algumas vezes que Carlos I exercesse a regia prerogativa. Outras vezes, o vencedor era inexoravel.

Em elle desembainhando a espada, ninguém lhe podia ter mão: algumas acções terminavam a golpes terriveis d'arma branca.

*

Carlitos e o avô eram inseparaveis.

Quando o velho general se queixava do seu rheumatismo agudo, o pequeno não o abandonava um só momento.

Esteve d'uma vez gravemente enfermo o avô, e o neto dormia no mesmo quarto, não querendo, nem á viva força, sahir d'ali.

—Eu cuidarei de ti, dizia elle, na sua linguagem repassada de meiguice. Não sou eu um homem? Quem tens tu que te queira mais?

Estes consolos prodigalizados pela gentil creança, auxiliaram o medico na cura, que não se fez esperar muito.

—Receei deixar-te sosinho no mundo—balbuciava o pobre velho já convalescente,—e todavia, é isso o que ha de succeder, mais tarde ou mais cedo...

Era isso, de facto, o natural; mas os acontecimentos não se subordinam ao que vulgarmente qualificamos de natural e logico.

*

Decorreram dez mezes desde a ultima vez em que vimos o Carlitos e seu avô dando a ultima batalha.

Morreram n'ella centenas de combatentes.

A espada do genera' Carlos exterminou os quadrados inimigos.

A espada do general.

Assim denominam, uns compadecidos e outros por mofa, uma pequenina espada de copos doirados, que o velho general Malaquias traz sempre á cinta.

Uma espada de creança.

—Um homem de sesenta e tantos annos!

—Uma pessoa tão seria e respeitavel!

Assim murmuram os visinhos, que o veem chegar á janella trazendo sempre pendida, ao lado, a espada que foi do general Carlos.

—Pobre creança! Um garrotilho matou-o em tres dias.

—Infeliz velho! Desde então, perdeu o juizo, e nunca mais deixou de trazer á cinta o sabre do neto.

Quando o interrogam, responde:

—Isto? Não sabem o valor d'esta joia, de quem foi, quem usou d'ella!... Mão sabem o que é? E' a espada do meu general.

MARIO.

O MONUMENTO DE MAFRA

A q' arta edição de um livro portuguez de litteratura não é facto tão vulgar que deva passar despercebido aos que andam mais ou menos envolvidos, ou simplesmente interessados, no movimento litterario da nossa terra. Está n'este caso o MONUMENTO DE MAFRA, cuja ultima edição, cuidadosamente revista pelo auctor, o sr. Joaquim da Conceição Gomes, acaba de ver á luz da publicidade.

A obra, por muito conhecida, dispensa o exame detido e circumstanciado que só é de uso consagrar aos livros novos. Não devo, comtudo, omittir que sobre alguns pontos d'ella tenho opiniões muito diversas das do sr. Conceição Gomes; mas, como umas e outras foram, ha bastante tempo, divulgadas pela imprensa, não merece a pena insistir nas minhas com o proposito de combater as d'elle. Os leitores que forem dotados da curiosidade do pensamento, «a primeira virtude do nosso seculo,» na phrase conceituosa de Eugenio Pelletan, decidirse-hão pelas que melhor quadrarem aos seus juizos ou prejuizos. Que d'estes ha-os também no estudo das sciencias e das lettras, sobretudo nos dominios da historia, em que o forte clarão da verdade vai muitas vezes reduzir a proporções acanhadas o que, entrevisto na penumbra, parecia grande, sem o ser. E certo que o fugir d'essas miragens doe sempre ao patriotismo mal entendido, para não dizermos falso.

Mafra, por suas lendas e recordações historicas; pela hybrida fusão do palacio e do convento, que immensa extranheza produziu em lord Byron; por suas estupendas cimensões, que causaram o assombro do celebre viajante William Beckford; pela harmonia e formosura da sua basilica magestosa, que fez o pasmo e o encauto do conde de Raczynski, e na qual a riqueza, a variedade e a profusão dos marmores enleva ao mesmo tempo os olhos do corpo e do espirito:—Mafra ha de sempre offerecer largo campo á penna ao estylo e á facundia dos escriptores philosophos e dos viajantes illustrados. Mas, a respeito do Mafra tem-se já escripto tanto que, em verdade, não é cousa facil o dar qualquer novidade sobre semelhante assumpto.

Ha, todavia alguns pontos, não direi obscuros, mas que ainda não foram bem precisados nem estão bem assentes pelos diversos escriptores.

Quantos homens trabalharam nas obras de Mafra?—Foi toda a gente válida que havia em Portugal! Pois diz o visconde de Santarem, baseando se em documentos irrefragáveis, que em junho de 1729 se ordenou por todo o reino o «alistamento de quantos trabalhadores e operarios n'elle se pode achar. 1.» Viam-se «pe-



DR. JOSÉ FRUCTUOSO LE G. UVEIA OSORIO



MANUEL JOSÉ MENDES LEITE



FRÉDÉRIC CHATELUS

las estradas e ruas com cordas e cadeias conduzidos por bealguins como delinquentes. ¹ E dos carros e bois dos lavradores, que eram obrigados a dar dias de trabalho para Mafra, não se pôde dar numero exacto, bastando referir que «houve dias em que se contaram nas estradas a conduzir pedra, cal e tijolo 2.500 carros. ²

Trabalharam alli diariamente, durante a construcção da basilica, vinte a vinte cinco mil homens e entre quarenta e cinco a quarenta e oito mil nos annos de 1729 e 1730. ³

Quanto dinheiro se gastou em Mafra?—Foi tambem todo o que havia em Portugal, com a circumstancia aggravante de que logo no principio das obras os rendimentos publicos se achavam exhaustos, conforme referia a sua côrte o embaixador de França em Lisboa. ⁴ Está calculado que a despeza feita em Mafra andou por doze milhões de cruzados por anno.

O que não padece duvida é a importancia da despeza com o mantimento dos gados, que trabalharam nas obras de Mafra, desde abril de 1730 até o fim de egual mez de 1731.

E por abi se poderá avaliar do resto!

Existe um livro das contas da receita e despeza da respectiva administração, ordenado e escripto por Francisco Borges Henriques, administrador da fazenda real, nomeado para esse fim, como se mostra do documento seguinte:

«Sua magestade, attendendo á boa informação que tem de vocemecê e ao zelo com que o serviu na administração de alguns assentos, e ter por certo que de tudo o que o encarregar o servirá a sua satisfação, foi servido nomeal-o para administrar os mantimentos que se hão-de dar ao gado que trabalha nas obras de Mafra, comprando-o com o dinheiro que se ha de mandar entregar, e distribuindo o dito mantimento n'aquellas partes em que estiver o dito gado com tal economia e arrecadação que não haja desperdicios nem furtos; nomeando vocemecê para este effeito os feitores e medidores que forem necessarios e nas partes convenientes se valerá vocemecê das carruagens de sua magestade, e em falta d'estas recorrerá ao superintendente geral para lhe dar as que forem precisas.

«O dinheiro que a vocemecê se lhe entregar para esta administração carregará vocemecê em um livro que ha de ter para este effeito, e por elle e pelos papeis que vocemecê fizer de despeza se tomara a vocemecê conta da dita administração que por ora encarrega a vocemecê por tempo de seis mezes.

—Paço, 29 de março de 1730 — Diogo de Mendonça Côrte Real—sr. Francisco Borges Henriques.»

Alguns d'esses mantimentos eram mandados de Lisboa, por mar, para a Ericeira, d'onde vinham para Mafra, conforme se vê da seguinte nota, respectiva ao anno de 1730, e lançada a fl. 42.

«Tambem se declara que a João Jorge, morador em Belem, se lhe fretaram varias vezes dois patachos que levavam mantimentos á Ericeira, e nas ultimas viagens um dos patachos deu á costa com 100 moios de milho que se perdeu em Cascaes e a sacaria, e o outro com 100 moios de cevada, que não podendo descarregar na Ericeira esteve perdido e deitou ao mar 20.560 alqueires com a sacaria, e veiu aqui outra vez a descarregar; tambem pretendia o frete, porém como não satisfez a obrigação de a pôr na Ericeira, me pareceu tambem que se lhe não devia pagar e isto mesmo praticam os homens de negocio da praça, a quem o perguntei.»

Do mesmo curioso manuscrito constam especificadamente todas as despezas, que seria de certo fastidioso reproduzir n'este logar. Bastará, portanto, dar os resumos tirados das contas respectivamente a cada um dos tres annos.

«Pela despeza que fez (a administração) do primeiro de abril de 1730 até fim de abril de 1731.	38:017\$936
«Pela despeza que fez no segundo anno do primeiro de maio de 1731 até fim de abril de 1732.....	36:902\$019
«Pela despeza que fez no terceiro anno do primeiro de maio de 1732 até fim de abril de 1733.....	26:797\$320
Somma...	101:717\$305

Cumpra notar que n'essas verbas não se comprehende só o preço dos mantimentos, mas tambem o custo dos transportes e os vencimentos dos feitores em diversas terras, Mafra, Ericeira, Pero Pinheiro, Alhandra e Tojal.

II

As ultimas paginas do livro do sr. Conceição Gomes, dedicadas a Cintra, não são das menos interessantes e instructivas.

¹ *Gazeta Litteraria do Porto*, n.º 6.

² *Gab. Hist.* t. VIII, pag. 145.

³ *Ibidem*—idem, pag. 131 e 144, *Panorama* de 1840, pag. 66 e cit. *Quad. Elem.* pag. CCLII, nota.

⁴ *Quad. Elem.* pag. CCLI, nota.

De Mafra é costume dizer-se:—«Mafra é o convento»—assim como de Bellas tambem se diz vulgarmente:—«Bellas é a quinta do marquez»—pretendendo-se com essas palavras significar que n'aquellas duas terras, além do convento e da quinta, nenhuma outra cousa ha que ver. Em Cintra, porém, succede mui diversamente.

Cintra não é só a pittoresca serra, o ar purissimo, as aguas excellentes e os formosos e luxuriantes arvoredos; nem só o palacio real e a estrada de Collares; o castello dos mouros e a Pena, suspensos das arestas dos mais empinados alcantis; os Pisões e a Regaleira; Seteais e Pénha Verde; Monserrate e os Capuchinhos da Serra. A bem dizer, Cintra é tudo isso, estreitamente ligado e, por assim dizer, fundido n'um conjuncto de supremo encanto, harmonia e deleite que a torna, sem termo de comparação—um ponto unico do globo. Unico, sim, pode affoitamente dizer-se unico!

Lord Byron, quando foi a Cintra e lhe chamou *glorious Eden*, tinha aqui chegado de Inglaterra e era a primeira viagem que fazia. Mas, depois de ter ja percorrido uma boa parte do mundo, não se lhe desvanecera ainda a sua grande admiração pela nossa Cintra. Uma carta escripta do remoto Oriente mostra bem que, no juizo de tão sublimado genio, Cintra não tem rival:

«Previsa, 12 de novembro de 1809.

«Parti n'um dos cavallos do vizir, e vi os palacios d'elle e de seus netos; são esplendidos, mas desamavelmente oroados de seda e ovro. Atravessei depois as montanhas de Zizta, aldeia em que ha um mosteiro grego (onde pernoitei á volta) no sitio mais bello que jamais tenho visto (exceptuando sempre Cintra, em Portugal). E em nove dias cheguei a Tepalen.»

BYRON.

O sr. Conceição Gomes mantém ainda n'esta edição do seu livro a opinião de que a convenção politica militar de 30 de agosto de 1808, geralmente denominada *de Cintra*, foi alli assignada no palacio de Seteais, que era dos marquezes de Marialva. Não reputo verdadeira essa opinião, e dei ja as minhas razões n'outro logar, mas não me admira que ella continue a ser seguida.

Ha bastantes annos, imprimi um opusculo com este titulo—*A Convenção de 30 de agosto de 1808* (vulgarmente chamada «*Convenção de Cintra*») — em que julgo ter exuberantemente provado que essa convenção, celebrada em Lisboa, foi tambem em Lisboa assignada e ratificada pelo general Junot, e em Torres Vedras pelo general Dalrymple Distribuido o opusculo por alguns amigos, foi um exemplar ter ás mãos de um professor do Collegio Militar, que estava então em Mafra, e do qual era director o bravo e esclarecido general Sá Carneiro.

O professor, julgando talvez ser agradavel ao general, que é um distincto escriptor militar, levou-lhe o opusculo e expoz-lhe o assumpto de que tractava.

O general accudiu logo:

—«E' curioso como se pretende demonstrar isso... Ainda no anno passado, estando eu em Cintra com o duque de Saldanha fomos dar um passeio depois do jantar, e tomando para a banda de Seteais, o marechal, parando em frente da porta e apontando para o palacio disse-me.—«Este palacio é um edificio historico; foi aqui que se assignou a celebre convenção de Cintra.»—

Outro exemplo:

Pedi ao meu chorado amigo Antonio da Silva Tullio que aceitasse um exemplar; e como n'esse tempo Mendes Leal estava em Lisboa e ia todos os dias á Biblioteca Nacional, Silva Tullio deu-lhe o meu trabalho para elle tambem ver. O auctor do *Pavilhão Negro* teve a paciencia de o passar pelos olhos, mandou vir para o seu gabinete alguns volumes da *Correspondance de Napoléon I*, formou o seu juizo, e depois disse francamente que até então estivera sempre persuadido de que a convenção de 30 de agosto de 1808 fora celebrada, assignada ou ratificada em Cintra.

A favor d'esta opinião ha que citar ainda os illustres academicos visconde de Juromenha e Rebello da Silva, e ainda o sr. S. J. da Luz Soriano.

Porém, a que adoptei, tem por si importantes documentos, já publicados, a *Historia geral da invasão dos francezes*, por José Accursio das Neves, contemporaneo d'equelles successos, e por ultimo a expressa declaração feita pelo general sir Hew Dalrymple—que ratificou a convenção—de que esta não foi negociada nem concluida em Cintra. ¹

Termino por agradecer muito ao meu antigo amigo, o sr. Conceição Gomes, a delicada offerta do seu livro.

ALBERTO TELLES.

¹ *Memoir, written by General sir Hew Dalrymple of his proceedings as connected with the affairs of Spain, and the commencement of the Peninsular War.* London, 1830; pag. 75, nota.



EM CASA DO PRIOR

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR

Falleceu no dia 4 do corrente mez, pelas 7 horas da manhã, victima d'uma *angina pectoris*, este notavel estadista e este notabilissimo homem de sciencia, a quem o paiz tanto devia, de quem todos nós tanto tinhamos a esperar ainda.

Morreu o conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar, ministro d'estado honorario, digno par do reino, grã-cruz da ordem de S. Thiago, presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa, presidente da Sociedade de Agricultura, grão-mestre da Maçonaria e professor da Escola Polytechnica e do Instituto Industrial. Fechou os olhos á vida, repentinamente, ferido no cerebro como roble robusto pelo raio que o fulmina, um dos mais valentes trabalhadores das ultimas gerações da mocidade portugueza.

A cidade, ao amanhecer do dia 4, no momento em que ia entregar-se á faina, foi tristemente surpreendida pela inesperada e dolorosa noticia. E' que Antonio Augusto d'Aguiar era um dos seus filhos mais dilectos, dos que particularmente mereciam a sua sympathia, admiração e respeito. Nascido de gente pobre e honrada, elevava-se, engrandecera-se pelo seu trabalho, de estudante a ministro, do baixo ao alto, da pobreza á culminancia, fazendo sempre o seu caminho pela linha recta do dever e da honra. E n'esse caminhar foi sempre rodeado do applauso dos seus conterraneos, que sinceramente lhe bemqueriam. Pode até dizer-se que n'este momento não havia homem politico em quem as classes medias da capital, do commercio e da industria, mais confiança tivessem. Este applauso era uma das suas grandes forças.

No vigor da vida, trabalhando sempre, não conhecendo o descanço, promettia ainda uma larga serie de serviços ao seu paiz. Inteligente, sabia ver; espirito pratico, sabia realisar. Era esta a feição do seu caracter de homem publico: foi assim que se manifestou passando pelos conselhos da corôa, foi assim que elle se inspirou sempre, erguendo a sua voz auctorizada nas conferencias de vulgarisação scientifica, na Sociedade de Geographia e na camara dos dignos pares do reino. Ainda ha pouco tempo, na questão das pautas, elle se apresentou como um espirito lucidissimo, occupando-se das questões agricola, industrial e commercial. E d'est'arte, as ultimas manifestações da sua individualidade foram para os assumptos que sempre lhe tinham merecido particular attenção.

Desde novembro de 1883, em que Fontes Pereira de Mello o chamou á gerencia da pasta das obras publicas, Antonio Augusto d'Aguiar foi um dedicado e lealissimo servidor da regeneração e, acima de tudo, um grande operario da civilisação e do progresso.

Das suas largas iniciativas, especialisaremos aqui a da criação das escolas industriaes, com applicação ás artes e officios, e que tanto em Lisboa e Porto como em Portalegre, Covilhã, Guimarães, Caldas da Rainha, etc., estão produzindo os mais beneficos resultados.

Morto Fontes, foi um dos que collaborou, desprendido de vaidades e interesses, na obra patriotica da sustentação do partido regenerador, e o seu nome era, de certo, um dos que mais honraram o manifesto por que foi proclamado chefe d'aquelle partido o sr. Antonio de Serpa Pimentel.

Com a mesma dôr com que a cidade de Lisboa recebeu a noticia, foi ella recebida por todo o paiz.

E' que os homens da sua grandeza de intelligencia e caracter não abundam; e quando morre um d'elles, o paiz considera a sua morte como uma irreparavel perda nacional.

Antonio Augusto d'Aguiar parecia gosar uma excellente saude. Mas n'essa força e exuberancia de vida residia a causa principal da sua morte, porque era uma d'aquellas organisações em que as anginas são fataes.

Ainda na vespera do seu fallecimento foi visto a passear a pé, como do seu costume, vagorosamente, pelas ruas da cidade. A' noite esteve conversando alegremente, porque tinha uma conversação amena, d'uma erudição pratica pouco vulgar, nas salas da Sociedade de Geographia.

Nada fazia suppor a sua morte rapida.

O nome de Aguiar começou a tornar-se célebre cercando-se de popularidade, por occasião das suas notaveis conferencias no salão do theatro da Trindade, sobre os processos rotineiros da nossa vinificação. Celebrou-as em 1875, em numero de vinte e uma. Foram recolhidas em volume, publicação official, sobre notas de habeis tachygraphos.

A sciencia n'aquelle trabalho allia-se á fórma humoristica e por vezes caustica.

Eram inumeras as condecorações que recebera dos governos

estrangeiros, principalmente quando acompanhou, com o sr. Martens Ferrão, o Principe Real D. Carlos na visita ás côrtes da Europa.

Em Portugal, além dos cargos principaes, que acima enumeramos, era membro honorario da Associação Commercial.

Exerceu importantes commissões no estrangeiro. Fez o tratado da India, pelo que foi recompensado com o pariato; e foi um dos nossos commissarios na exposição universal de Paris.

Antonio Augusto d'Aguiar morreu pobre. Deixa viuva, uma filha e um filho, que é empregado n'uma casa bancaria.

Ainda não contava 49 annos. Fazia os no dia em que se enterrou!

O illustre morto era fanatico pela realisação dos grandes melhoramentos do porto de Lisboa.

Infelizmente, porém, não chegou a ver a inauguração dos trabalhos, annunciada para o proximo mez de outubro.

O destino! Quando Aguiar já era cadaver, vendia-se o *Diario Popular*, em que vinha a noticia de que o sabio professor sabia brevemente para Paris a representar Portugal, no congresso de pezos e medidas.

DR. JOSÉ FRUCTUOSO DE GOUVEIA OSORIO

Matou o abrupta e traiçoeiramente, na madrugada do dia 23 d'agosto, um ataque apoplectico.

O dr. José Fructuoso, presidente da Camara Municipal do Porto, lente da Escola Medica d'aquelle cidade e digno par do reino, era muito estimado pelos portuenses, que apreciavam as altas prendas do seu caracter. Inteligente e trabalhador, harmonisava-se com a indole d'aquelle povo activissimo e energico. Por isso desmentio o velho dictado—«ninguem é propheta na sua terra».

Do Porto recebeu o dr. José Fructuoso os mais lisongeiros applausos e distincções que um homem pode ambicionar na vida publica.

Trabalhou até á ultima. Poucas horas antes de morrer, estivera revendo as provas de um livro—*Tratado de medicina legal*, especialidade que leccionava na Escola Medica.

Tinha 60 annos de idade, e era condecorado com as commendas da Conceição, Christo e Legião de Honra.

MANUEL JOSÉ MENDES LEITE

Descançou para sempre na paz do tumulo o ultimo que restava dos dois homens publicos que fundaram a *Revolução de Setembro*—Manoel José Mendes Leite. Nasceu em Aveiro a 18 de maio de 1809. Ia completar 79 annos. Tinha 14 quando se fez a a revolução liberal do Porto, frequentando então os estudos de humanidades e matriculando-se no primeiro anno juridico da universidade de Coimbra, quando as idéas do novo direito politico se iam affirmando no espirito revolucionario da mocidade academica, por isso entrou cedo no noviciado liberal e foi dos primeiros a alistar-se no batalhão academico, formado em 1826, para combater a revolução abolutista das forças do marquez de Chaves, que haviam acclamado rei o infante D. Miguel. Esse batalhão foi dissolvido, depois de prestar bons serviços, que nas côrtes de 1827 foram louvados com enthusiasmo. Mendes Leite proseguia os seus estudos universitarios quando a academia foi mandada fechar, e aos estudantes se deu ordem de sairem da cidade em 24 horas. No dia seguinte rebentava a revolução liberal, por elles organizada, e elle de novo se alistava no batalhão de voluntarios academicos, prestando novos serviços á causa que enamorara o seu espirito moço e ardente, até que, batido o exercito constitucional, e dissolvida a junta do Porto, teve de refugiar-se na Galliza com o resto das tropas fieis, soffrendo todos os incommodos e privações da emigração. Do Ferrol embarcou para Inglaterra, aonde as dadias e sollicitudes de seu pae, que por esse facto foi encarcerado nas enxovias de Aveiro, lhe alliviaram os soffrimentos de que foram alvo todos os emigrantes. Por aviso de 28 de março de 1829, foi mandado «riscar perpetuamente da universidade,—«felix culpa!»—pelos seus sentimentos liberaes e por ter pertencido ao batalhão academico!

Não tendo sido incluído, como aconteceu a muitos outros valentes fieis, nas listas dos expedicionarios para a ilha Terceira.

ra, conservou-se em Inglaterra, até que D. Pedro IV partiu com a expedição libertadora dos 7.500, dos Açores para o Porto. Embarcou então com muitos companheiros, soldados decididos e convictos, em um vapor que fretaram, vindo desembarcar, em junho de 1832, debaixo do fogo das baterias inimigas, nas praias da cidade gloriosa do Douro. Requisitado para ajudante do commissario do governo, que ia fazer uma grande compra de cavallos e arreios, voltou a Inglaterra e d'ali regressou quando já estava cerrado o bloqueio em volta da heroica cidade, desembarcando no meio de uma cerração de bombas e granadas. Durante oito mezes occupou um dos primeiros logares entre os voluntarios academicos, que guarneciam a Serra do Pilar, entrando em todos os combates e escaramuças, e em julho de 1833 fez parte da bateria de campanha da expedição do Algarve, commandada pelo duque da Terceira, que entrava victoriosa em Lisboa na manhã de 24 de julho.

Dissolvido e louvado em decreto do duque de Bragança o batalhão academico, voltou a cursar a universidade, seguindo o 4.º anno de leis, e habitando então no collegio de S. Jeronymo com José Estevão, seu patricio e talentoso condiscipulo. Em 1836 formou-se nas faculdades de canones e leis. Foi logo nomeado secretario geral do districto de Aveiro, logar que exerceu até 1838. Em 1839 foi presidente da camara e commandante da guarda nacional.

Em 1840 veio representar o circulo em côrtes, com José Estevão e outros. Foi n'esse anno, no mez de junho, que os dois fundaram a *Revolução de Setembro*, a qual começou a ter pouco depois como responsavel o eminente e chorado jornalista liberal, Antonio Rodrigues Sampaio, a quem José Estevão convidara a entrar para a redacção.

Organizada a *comissão central* da opposição colligada contra o governo, e tendo-se resolvido tentar uma revolta militar para derribar a situação, Mendes Leite foi encarregado de sublevar a parte do norte do paiz.

Descobertos os seus intuitos e perseguido, deveu á sua energia o não ser victima.

Convidado a ajudar a revolução preparada no Porto em janeiro de 1844, vendo-a malograda, correu a Braga com igual intuito, e o mesmo insuccesso. Foi depois a Valença fazer nova tentativa, tendo de emigrar para a Galliza, onde foi preso em Tuy, conseguindo passar a Vigo e embarcar alli em um vapor inglez para Gibraltar, d'onde seguiu para Inglaterra.

No fim de agosto d'este anno morava em Paris com José Estevão, na casa n.º 20 da rua Laffite.

Em 1849, a revolução popular portugueza e a amnistia que se lhe seguiu, abria-lhes as portas do seu paiz, e Lisboa ia saudal-os, como a todos os emigrados, com palmas e bravos, no banquete publico do theatro de D. Maria II.

Realizada, porém, a chamada emboscada de 6 de outubro, e decidido que se organisaria a rebellião contra o novo gabinete, formando-se batalhões nacionaes moveis, prestou novos e valiosos serviços á causa popular, que era a do direito, e foi um dos seus cabos mais activos e efficazes.

No Porto, os membros da Junta do supremo governo da nação muitas vezes iam pedir o seu conselho, que era sempre cheio de senso pratico, e de lealdade.

Resolvendo a junta reforçar a divisão do conde de Mello, que estava em Porto Alegre, com uma brigada de 1.400 homens commandados por Sá da Bandeira, partiu esta em dois vapores, sendo nomeados para a acompanharem, como delegados da mesma junta, Anselmo Braamcamp, Affonso Vianna e Mendes Leite, que tinham a seu cargo respectivamente os negocios civis, os da guerra e os da marinha. Foi elle quem redigiu as condições da amnistia depois da acção do Alto do Viso.

A 31 de maio era, com as forças populares da expedição do Conde das Antas, aprisionado fóra da barra do Porto pela esquadra ingleza e conduzido á torre de S. Julião. Em 1848 voltava a ser preso e mettido no Limoeiro com Manuel de Jesus Coelho, Duarte Nazareth e outros, como implicados na chamada conspiração das hydras, sendo depois julgada injusta a pronuncia. Em 1851 vinha de novo ás côrtes, deputado por Aveiro, e em 1852 fazia incluir no acto adicional da carta a seguinte brilhante disposição: «E' abolida a pena de morte nos crimes politicos.»

Tornou a ser eleito depois de dissolvida essa camara em 1856, representando o circulo da Feira. Em 1860 foi novamente nomeado governador civil de Aveiro e em 1863 a sua cidade natal deu-lhe mais uma vez representação em côrtes, substituindo José Estevão, que havia fallecido.

Em S. Bento sentou-se na cadeira do chorado tribuno, seu patricio, contemporaneo, companheiro e amigo:—«Os meus serviços estão sufficientemente pagos com duas emigrações, com o Limoeiro e com a torre de S. Julião! dizia elle na sessão de 15 de agosto, defendendo-se de uma allusão que lhe haviam feito os jornaes, e entre os applausos de toda a camara. Outras recompensas, deixo-as para os liberaes de hontem, para os liberaes por casualidade. Sei as obrigações que me impõe o sentar-me n'aquella cadeira (a de José Estevão). Hei-de deixal-a tão pura como a encontrei.»

E pura a deixou, e purissima foi sempre a sua vida, a sua honra, a sua lealdade.

FRÉDÉRIC CHATELUS

Fundador da Associação dos Previdentes do Futuro, em França

No dia 14 d'agosto findo realisou-se em Sceaux uma festa solenne, organizada pela Sociedade dos Previdentes do futuro, para celebrar a entrada do primeiro milhão de francos nos cofres da mesma sociedade. Essa esplendida festa, que se annunciou aos quatro ventos n'um programma bastante desenvolvido, constou de banquete, bailes, fogos d'artificio e jogos diversos.

Foi em 1880—ha sete annos apenas—que um obscuro typographo, chamado Frédéric Chatelus, teve o pensamento de reunir alguns camaradas, para fundar uma associação de previdencia.

Os fins d'esta associação, eram nitidamente explicados nos estatutos, pela seguinte forma:

«Ha muito que se estudam os meios praticos de remediar a triste situação dos operarios que, tendo chegado a uma idade avançada em que as forças geralmente lhes faltam, não podem ganhar os meios de subsistencia.

«Um grande numero de pessoas tem procurado o modo de extinguir o pauperismo, encontrando como resultado os Invalidos do Trabalho, as Casas de asylo, etc. Mas se a theoria de todos estes systemas é boa, os resultados obtidos da pratica são quasi nullos.

«Segundo a nossa opinião, é á classe operaria a quem pertence procurar e descobrir os meios e recursos necessarios para a extincção da miseria, causada muitas vezes por uma velhice prematura, resultado inevitavel d'um longo trabalho.

«Sómente nós conhecemos a fundo as nossas necessidades, os nossos recursos e as medidas a tomar para attingir um fim desde ha muito procurado e que até hoje não se encontrou ainda.

«Fundando uma caixa de soccorros estabelecida sobre as bases mais amplas, e chamando todos os operarios, sem excepção, a criar, senão para elles, ao menos para as gerações seguintes, um recurso inexgotavel, os fundadores da sociedade—*Os Previdentes do Futuro*—contaram com o concurso de todos e esperam que a sua idéa será applaudida pelos operarios de todas as classes.»

O artigo 28, destinado a eliminar a politica do seio da associação, era assim concebido:

«Artigo 28.—E' interdicta toda a discussão politica e religiosa.»

«Quanto ás quotas, eram bem diminutas. Direito d'admissão, dois francos. Quota mensal, um franco.

—Foi com estes fracos recursos e partindo d'este modestissimo *debute*,—disse Chatelus ha dias a um jornalista parisiense,—que nós chegámos, em sete annos, ao esplendido resultado de ter em caixa um milhão de francos.

No fim de tres mezes—continuou elle—eramó já 757. Em junho d'este anno, a cifra dos socios elevava se a 36.378.

Mas que *tours de force* foi preciso executar, sobre tudo no começo! Que economia nos menores detalhes d'administração! A principio, nenhum empregado era remunerado. Os proprios socios vinham pôr-se á disposição do *comité* para desempenhar diversos trabalhos, e eram elles quem procediam á cobrança das quotas, tanto em Paris como nos 250 pontos da provincia onde a Sociedade organisou secções.

E' justo reconhecer que o governo nos auxiliou bastante, autho isando as caixas economicas a receberem os nossas depositos, fosse qual fosse a cifra a que elles podessem elevar-se. E' isso uma grande prerogativa, porque as caixas economicas não podem receber senão depositos inferiores a uma certa quantia.

—E o vosso milhão de francos está lá depositado?

—Está, e contamos d'aqui a pouco enviar-lhe companheiros, porque nada nos detém no nosso caminho.

—Mas como podem os senhores realizar o problema até hoje insolvel de fazer toda a cobrança das quotas sem grandes falhas?

—Já lhe disse que somos nós mesmos quem a fazemos. Um socio tem muito mais cuidado e muito mais authoridade que um individuo assalariado, no desempenho d'esta missão. De resto, somos bastante severos e admittimos apenas tres desculpas para a falta do pagamento integral das quotas:

1.º—A falta de trabalho.

2.º—As doenças ou os ferimentos.

3.º—O chamamento ao serviço militar.

N'estes tres casos, concedemos a dispensa do pagamento por alguns mezes e até mesmo por alguns annos. Cessando os motivos de tal dispensa, o socio paga por pequenas quantias as quotas em divida, para ficar quit com a sociedade n'um lapso de tempo mais ou menos longo.

Quando aquelles motivos não existam, o socio que, por negligencia ou por outra causa, deixar de pagar as suas mensalidades, é riscado das listas da Sociedade.

Taes casos, porém, dão-se rarissimas vezes. Se as quotas são tão pequenas! Vinte soldos por mez! O preço de litro e meio de vinho mais ou menos adulterado!

—E as vossas portas estão sempre abertas a todos os operarios e trabalhadores honrados?



MODAS

—A todos, até mesmo ás mulheres de probidade reconhecida.

Chamando a atenção dos operarios que possam ler-nos, para esta utilissima instituição franceza, julgamos prestar-lhes um bom serviço.

A nossa gravura representa Frédéric Chatelus, o benemerito presidente da Associação dos Previdentes do Futuro.

EM CASA DO PRIOR

Ella vae dar conta d'um erro: é mãe. Elle, o padre, pergunta-lhe curioso e severo, o nome do pae...

Hoc opus hic labor est. Ella põe os olhos no chão, e elle fica com a penna no ar, á espera...

Elta talvez viesse a dizer, por fim, muito instada, mas a gravura fica se friamente na interrogação.

MODAS

CHAPEU «CAPELINE»

Damos hoje um elegante figurino, que por certo agradará muitissimo ás nossas leitoras.

E' um chapéu *capeline*, de palha em lances, com a aba quebrada, guarnecido de gaze, tendo na copa um pennacho feito de plumas claras e escuras, misturadas.

Como verão na gravura, é lindo e do mais fino gosto.

CASTELLO DE MONTEMOR-O-NOVO

Montemor-o-Novo é uma rica e bella villa do Alentejo, situada a 5 leguas N. O. da cidade de Evora, capital do seu districto e de toda a provincia transtagnana, e a 2 leguas N. da estação que lhe foi destinada no caminho de ferro do S. e S. E. de Portugal.

Esta povoação, que já no tempo dos romanos chegára a ser consideravel, e lebrada com o nome de *Castra Miliana*, começou no cume tripartido de um alto monte, cujo pé é banhado ao S. pelo rio Almansor, que vae depois, junto com outra corrente, metter-se no Tago.

Tendo ficado deserta e arruinada desde a expulsão dos mouros por D. Affonso Henriques, el-rei D. Sancho I povoou-a e reparou-a, dando-lhe o mesmo foral de Evora e por armas a sua ponte e o forte Castello que sobre ella se ostentava na altura, chamando-lhe Monte-Mór-o-Novo, para que se distinguisse por este qualificativo do outro Monte-Mór proximo de Coimbra e já ha mais tempo possuido pelos portugueses.

São os restos d'esse castello fortissimo, e de notavel architectura e grandeza, que mostra a nossa estampa de hoje; devendo observar-se que elle se ligava em um ponto com as grossas muralhas que, erçadas de ameias, cercavam a villa e a defendiam ainda com 4 torres, 1 torreão, e 19 bastiões redondos.

Ainda hoje existe, e bem conservado, o torreão, e quasi inteiras tres torres e alguns bastiões; a quarta torre, as ameias e grande parte das gigantescas muralhas teem sido destruidas, como muitas obras do castello, não só pelo tempo, mas pela barbaridade ignara e estúpido vandalismo.

A criação da Universidade de Coimbra por el rei D. Diniz, e a entrega do estandarte real por D. Manuel ao grande Vasco da Gama, para este ir ensinar ao mundo o caminho da India pelo Oceano Atlantico, bastam para tornar memoravel o nobre e antigo Monte-Mór alentejano, onde tão importantes factos succederam.

Montemor-o-Novo, finalmente, é a patria de S. João de Deus, verdadeiro portento de caridade, e de muitos varões distinctos nas letras e nas armas.

THE LAST ROSE OF SUMMER

AO SR. FIALHO DE ALMEIDA

Aromatiza fiadamente a sala
O chá, em Sèvres cor d'anil e d'ouro.

Five o'clock tea Um bonifrate embala
Sobre o Bréguet o seu turbante moiro.

Do parque vêm alegres gargalhadas
De creanças brincando. Os escudeiros
Trazem as largas pratas brazonadas,
Silenciosos, correctos, mesureiros.

Amontoam-se em mesas de xarão
Mil *bibelots*. As velhas colgaduras
Cahem do tecto. Avultam esculpturas
Entre arbustos. A' roda do salão

Vêm se Avós em trajos de gavotas
Do tempo nobre. O ar azul, macio.
Passa um vapor seguido de gavotas
Sobre o cobalto liquido do rio.

Fuma o marquez, immerso na leitura
Das *Lettres Chimeriques*. O São Bernardo
Dorme-lhe aos pés, sonhando porventura
N'algun pastor gelado no seu bardo...

Austera e grave, a pallida marquez
Ouve attenta os negocios da Missão,
Que lhe narram com meiga singeleza
Dois lazaristas vindos do Japão.

Ditosa a filha com sorriso brando
A illuminar lhe o rosto alvinitente
No krard de cauda distrahidamente
Toca a *Bamboula*, trémula escutando.

O primo, um loiro e esbelto diplomata
Recentemente *addido* d'Inglaterra,
Que lhe descreve em phrase aristocrata
Toda a poesia que o *ménage* encerra.

Como vae longe o tempo das Salças,
E como esquece a Filha de Maria,
O que diziam perfumadas rezas
Do Mundo sobre a fragil alegria!

Calou-se o piano. As loiras irmãsitas
Co'a mestra chegam, sobraçando os arcos.
Descahe o sol nas ondas infinitas,
Veem da barra a todo o panno os barcos.

A pouco e pouco escurecera a sala.
As arvores do parque firmemente
Destacam sobre o mar e sobre o poente
De rubis, de topazios e d'opala.

A' entrada, olhando os noivos, Miss O'Brien
Junto d'um biombo esfolha distrahida
Uma orcidalia, e scisma entristecida
No longinquo da sua verde Erin!...

Mangualde, 30 de agosto de 1887.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charada em verso

Ao temido *charadivida* Pequeno Antoninho

Desculpe-me, caro Pequeno Antoninho,
A palavra que uso e de que faço emprego;
Mas... — *Charadivida* — comprehendemos bem,
Pois não é sanscrito, allémão, nem grego.

Fui encontrar tal palavrinha, (destemperol!)
Nem o Antoninho pôde imaginar,
No cume d'uma alta e escabrosa montanha
C'roada de neve!... E que lindo luar!... — 1

Porém, de repente, meu caro Antoninho,
Um apparecimento friu minha attenção,
Deitada em a neve uma loira creancinha,
Fez com que eu soltasse uma exclamação! — 1

Ah... tinha o olhar tão doce, tão suave,
Como é doce a suave brisa do Oriental...
Fui-me aproximando d'ella e perguntei-lhe:
— Tens frio?... — Sim, senhor; mas frio não mata gente — 1

—A que vens p'ra aqui, para tão longe, menina?!...
Lhe perguntei eu, illustres charadistas.
—Venho, respondeu, trazer um recadinho,
Só para estudantes e para os artistas! —1

E logo em seguida perguntei-lhe mais:
—Que trazes tu, dentro d'esse açafatinho?
—Trago, respondeu c'um sorriso nos labios,
Uma pedra achada em baixo no caminho.—1

Desculpe-me, caro Pequeno Antoninho,
A palavra que uso e de que faço emprego;
Mas. —Charadista—comprehendemos bem,
Pois não é sanscrito, allemão ou grego.

Covilhã

ANTONIO RODRIGUES BRANCAI.

Logogriphe

Eu dou saltos repetidos.—7, 3, 9, 9, 10
Sou aqui povoação.—1, 2, 6, 5, 10, 4
Ninguém dirá que sou Argus.—5, 8, 6, 7, 3
Sou lugar de protecção.—10, 11, 8, 9, 6

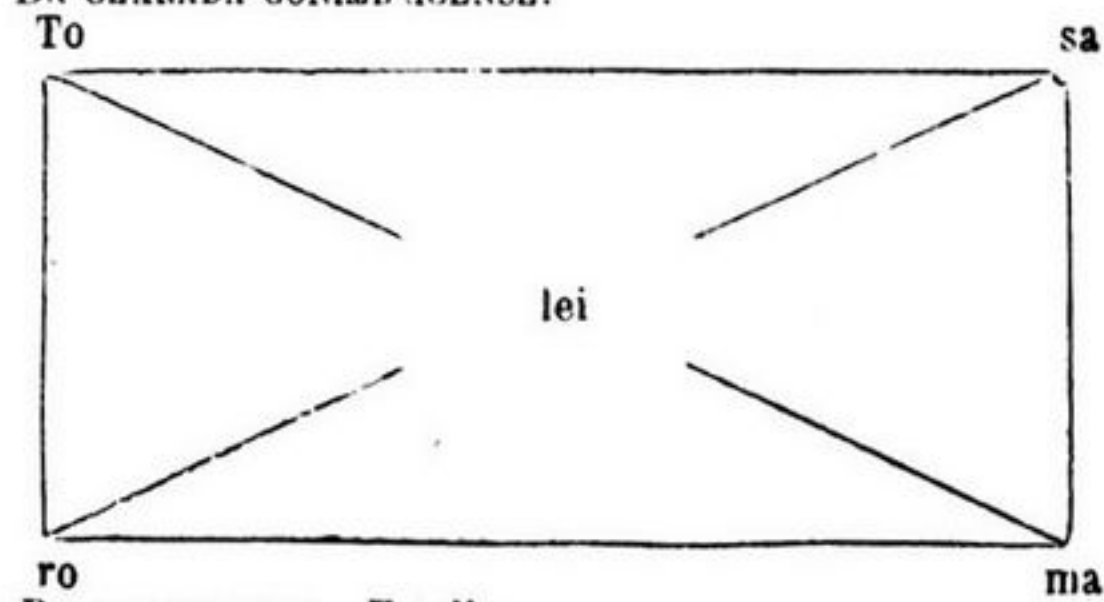
Tenho varios caracteres.—1, 8, 7, 6
No estomago é meu lugar.—7, 8, 9, 6, 4, 6
Sou doença muito grave.—1, 8, 7, 2, 6
Tambem costume oscillar.—5, 6, 9, 10

Na historia d'um grande povo
Brilha meu nome altaneiro,
Como theatro, que fui,
D'um alto feito guerreiro.

A. GERS.

Decifrações

DA CHARADA NOVISSIMA: —Retiro.
DA CHARADA EM VERSO: —Charada.
DA CHARADA CONIMBRENSE:



DO LOGOGRIPO: Estella.

A RIR

Ao jantar, entre amigos velhos:
—Lembras-te de quando se rezava o benedicite antes de se
começar a jantar?
—Se lembro!
—E olha que não era mau costume...
—Não era, não; dava tempo a que arrefecesse a sopa.

Um pobre pede esmola a um banqueiro, que lhe dá um vin-
tem.
—Deus lh'o multiplique mil vezes, meu bom senhor.
O banqueiro, que proseguia no seu caminho, pára de repente,
e depois de reflectir um momento, exclama:
—Que tal! Isso faria vinte mil réis... Fresco negocio!

Um padre ensina doutrina christã:
—Quantos deuses ha? pergunta elle a uma das creanças.
—Um só, sr. cura.
—Estás bem certo d'isso? O pae é ou não deus? E o filho
não é tambem deus?
—Ha de ser-o, mas mais tarde, quando o pae morrer.

UM CONSELHO POR SEMANA

GELO FEITO EM CASA

Tome-se um vaso cylindrico de grés, no qual se lançarão
100 grammas d'acido sulphurico do commercio e 50 grammas
d'agua, e juntando-se-lhe depois 300 grammas de sulphato de
soda, em pó. No centro d'esta composição colloque-se um vaso
mais pequeno, contendo a agua que se quer congelar. Cubra-se o
vaso e mexa-se o conteúdo, o melhor possível. Ao cabo d'alguns
minutos, a agua do vaso pequeno está convertida em gelo. A
mesma composição póde servir para se obter uma segunda por-
ção de gelo e algumas vezes terceira.

Esta operação deve ser feita, quando possível, n'um sitio
fresco, como por exemplo n'uma adega.

A VINGANÇA DA MORGADA

Situado nos suburbios de uma das mais poeticas villas do
Minho, o palacio da morgada era o terror de toda a gente moça e
o segredo da abelha de todos os vinhos.

E effectivamente havia de que. Casarão sombrio onde nunca
se vira assomar um rosto humano a uma janella, pois as tinha
hermeticamente fechadas, parecia á primeira vista, deshabitado.
A erva crescia no pateo d'honra d'envolta com salgueiros som-
brios. Dir-se-ia um cemiterio. Via-se, claramente qua, ha muitos
annos, ninguem ali entrara. As grades do enorme portão, cheias
de ferrugem, com certeza negar-se-iam a abrir-se de par em par.

O outro pateo de serviço, era menos triste; por elle passav-
am creados velhos, de cabellos brancos e dorso curvado, arras-
tando o seu rheumatico. Cães de fila, formidaveis, circulavam.
Não se via um gato, nem uma pomba, os classicos amigos das
casas alegres, onde ha os babies rosados e o ruido da familia.

E não obstante vivia ali dentro uma castellã, a D. Margari-
da de... conhecida vulgo, pela qualificação de: a seuhora
morgada. Era filha de um miguilista, o morgado F. que fôra vi-
ctima de desapiedada perseguição por parte de uns pseudo libe-
raes da terra, que lhe cobicavam a fortuna.

A politica fôra a arma traiçoeira de que se serviram. Uns
ambiciosos que partiram do nada, de maus instinctos, dizendo-se
liberaes, fizeram um cerco do morgado e tentaram apodrar-se-
lhe dos bens, o que era facil, casando a filha com um d'elles e
matando d'pois o fidalgo.

O chefe do conluio, propoz um bello dia ao morgado, o ca-
samento da filha com um dos seus filhos mais velhos, isto a troco
de lhe salvar a cabeça, gravemente compromettida, dizia elle,
perante o povo, que o accusava de sustentar com o seu dinheiro
as conspirações parciais para a volta de D. Miguel; e para evitar
tambem que os bens fossem confiscados.

O morgado respondeu orgulhosamente que, nem dava a filha,
nem reconhecia o novo regimen.

Passou-se então um drama espantoso. O chefe da troupe que
não queria de maneira nenhuma, abandonar a probabilidade de
lançar mão a todos os bens do morgado, escalou uma bella noite
o jardim do palacio, acompanhado do filho que de-tinava para
noivo, e de alguns sequazes de confiança. Surprehenderam no
somno os creados e amarraram-os de pés e mãos. Depois, entra-
ram de roldao na camara do morgado e subjugaram-no, amar-
rando-o tambem. Conduziram-no assim manietado, aos aposentos
da filha.

A pobre menina, formosissima como o são as mulheres do
Minho, tinha vinte annos e o animo do pae. Da familia, só existia
ella e o morgado. Sentindo bulha desusada, e gritos, a pobre ti-
nha saltado do leito e vestia-se á pressa.

N'este momento, penetraram-lhe no quarto aquelles canni-
baes, arrastando o pae. E ali, o igaobil chefe dos seus inimigos
propoz-lhe novamente o casamento da filha com o seu filho mais
velho.

—Nunca! bradou o morgado indignado.
Então, o cidadão liberal observou-lhe:
—Mesmo que o matem?
—Mesmo que me assassinem, respondeu elle com firmeza.

O chefe da troupe voltou-se então para a menina e disse-
lhe:

—E a menina deixará morrer seu pae aqui aos seus pés,
quando com uma simples palavra sua—um sim, o póde salvar
e terem ambos um futuro tranquillo?

A pequena olhou para o pae. Este disse-lhe simplesmente:
—Responde, como responderias a uma tua filha.

Elta voltando-se então para os inimigos do morgado, e mais
pallida do que um cadaver, respondeu com voz firme:

—Não tenho outra vontade que não seja a do meu pae.
O que se passou em seguida, foi horroroso. Longe de assassi-
narem o morgado, como elle e a filha suppunham, não lhe toca-
ram n'um só cabello; mas obrigaram-o a assistir amarrado, á

deshonra da filha, operada pelo rapaz que lhe destinavam para noivo.

Quando se retiraram, o pae do rapaz disse ao morgado :

— Ora, veremos agora se consente no matrimonio. Terei muita honra em chamar-lhe meu sogro.

O morgado não ponde responder, suffocado pela colera. Lagrimas de desespero, precipitavam se-lhe pelo rosto tostado do sol dos campos.

A filha jazia desmaiada sobre o seu leito. Quando tornou a si, correu ao pae e desligou-o. O que aquelles dois desventurados choraram nos braços um do outro!

Em seguida, tiveram a mesma idéa:—os creados? Porque seria que não reagiram? Teriam sido victimas?

E a D. Margarida vestiu-se completamente e tomando um candieiro, lançou-se no corredor, seguida do pae. Fôram aos quartos de todos os creados e creadas. Todos estavam amordaçados e solidamente armados.

O morgado reuniu-os e contou-lhes o espantoso ultrage que tinha recebido na sua honra de familia.

—E' necessario mata-los, custe o que custar, exclamou elle. D'ora avante, não viveremos, eu e a Margarida, para outro fim.

Todos os creados, servos fieis, filhos de servos antigos, tomaram parte na dôr de seus amos e offereceram-se para coadjuval-os na sua vingança.

—O sangue pede sangue! exclamaram elles.

E não era para graças uma tal ameaça na bocca de semelhante gente. Mas tambem os inimigos do morgado não dormiam. No fim de oito dias, mandaram um emissario saber do morgado,

fraqueza que tambem era uma força. Os seus inimigos fôram re-reando, morrendo ou envelhecendo. O respeito à lei, à proprietar de e ao individuo, veio com a tranquillidade publica.

No palacio crescia uma flor: era a gentil filha da morgada, que o pae illegitimo e mais parentes nunca suspeitaram que existisse. E n'isto ia boa parte da vingança da morgada—em que os ascendentes na linha paterna da pequena ignorassem que tinha dado em parte, resultado o seu plano.

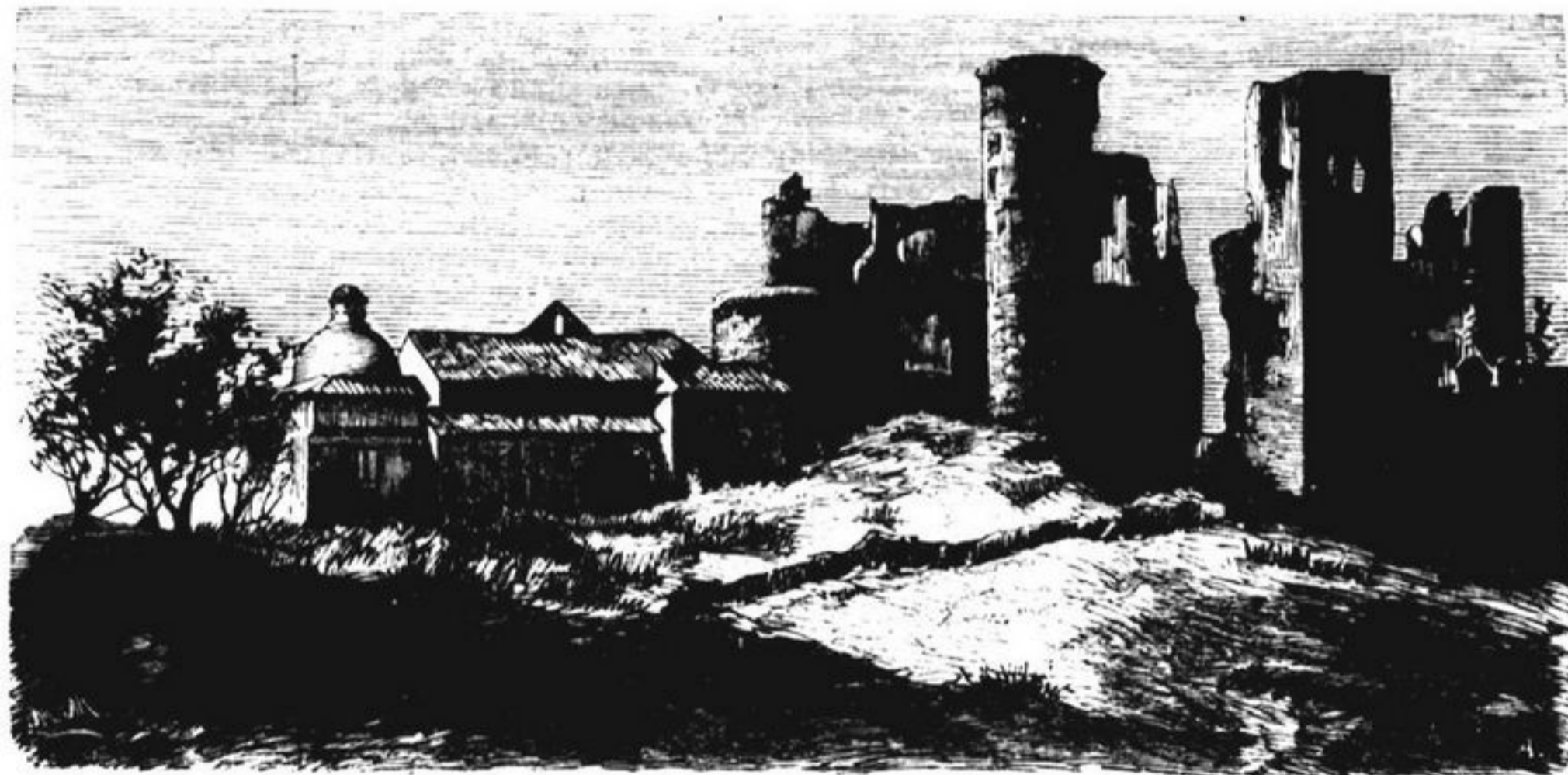
Mais tarde, quando a descendente d'aquelle cruzamento de liberaes com legitimistas chegou à idade de casar, a mãe fel-a passar por uma orphã abandonada que tinha recolhido na occasião das luctas civis, mas de que não conhecia os paes. E casou-a com o delegado do procurador regio da comarca, um rapaz pobre e philosopho, que sentiu desvanecerem-se os seus escrupulos, diante d'um dote principesco.

A morgada não assistiu ao casamento realizado na igreja parochial, e para o qual foi convidado, como um dos grandes da localidade, o pae da noiva, se n saber, é claro, que ella era sua filha.

Mas a morgada não dormia, e vendo a filha amparada, sentiu despertar-se lhe o desejo da vingança.

Ao opiparo banquete que se seguiu em casa do noivo, por isso que a morgada não quiz que no seu palacio se celebrassem as bodas, para não assistir a ellas, compareceu tambem, como convidado, o pae da rapariga.

No fim do banquete, quando todos estavam mais ou menos excitados, um criado da morgada, que de proposito servia à mesa introduziu disfarçadamente na mão do pae da noiva um cartão



CASTELLO DE MONTEMÓR-O-NOVO

qual era a sua resolução. E esse emissario era um padre! A resposta foi a seguinte:

—Vale a vossa reverendissima o ser padre; de contrario, não sairia vivo d'aquí.

E voltou-lhe as costas, deixando-o de bocca aberta no meio do salão.

Assentando no plano da sua vingança, o morgado decidiu vir a Lisboa, negociar a venda dos bens não patrimoniaes, para os salvar da garras dos partidarios da... liberdade, e poder então exercer a sua vingança sem receio. Assim fez. Em Lisboa, teve porém a desgraça de succumbir a uma apoplexia fulminante:

A filha emancipou-se e tomou conta do casal. Era ainda uma creança, mas estava rodeada dos seus creados fieis e dedicados: podia contar com elles. O mundo estava fechado para ella, joven, rica e formosa! porque de um momento para o outro os seus inimigos podiam divulgar o segredo fatal d'aquella noite terrivel!

Pensou em dedicar a sua vida a uma vingança sem limites, completando assim a obra apenas esboçada por seu pae. Mas um acontecimento gravissimo, veio mudar a face das cousas. Aquella noite fatal não marcou só com um ponto negro a sua existencia, fizera-a duplamente victima do attentado, porque ia ser mãe!

Mãe! Era assombroso, mas era uma triste realidade!

No periodo designado, a infeliz menina retirou se para a sua casa no Minho, acompanhada de uma parteira e de todos os seus creados. Chegou ali de noite, e encerrou-se para sempre dentro d'aquella casarão, donde nunca mais saiu, onde nunca mais recebeu, e cujas janellas, abrindo para a estrada, nunca mais se descerraram.

O povo principiou a respeitar aquella dôr profunda, aquella

de visita da morgada, com o respectivo brazão. E n'esse bilhete fatidico, estavam escriptas algumas palavras.

O creado, aproveitando um momento em que todos estavam attentos para um conviva que fazia um longo brinde, disse:

—E' da parte da senhora morgada...

—Da morgada! Você está doido! Ella nunca me escreveu!

—Ligia.

O homem, um pouco commovido, applicou a vista e leu n'um magnifico cursivo inglez: «Miseravel! —A noiva que tens ahí na tua frente e à qual não podes chamar filha, sem produzir um escandalo, é o producto d'aquella noite infernal de 3 de novembro, que sabes — Margarida.»

O choque produzido por esta revelação inesperada foi tão violento que o pobre homem, que tinha comido e bebido bem, quiz fallar, mão não ponde; tentou erguer-se, mas caiu pesadamente na cadeira, suffocado. Levou então as mãos à garganta e soltando um gemido, tombou com uma congestão.

O creado da morgada, impassivel por detraz d'elle, espiava-lhe todos os movimentos. Foi o primeiro a acudir-lhe, arrancando-lhe o fatal bilhete da mão e occultando-o rapidamente na algibeira.

Levado o doente para casa, declarou-se-lhe logo uma paralytia geral. Nunca mais pronunciou senão monosyllabos e no fim de algum tempo morreu.

A morgada estava vingada.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica